

Por que ler os reformadores?

.....

Mais do que tudo, talvez precisemos de conhecimento profundo do passado. Não que o passado tenha alguma mágica, mas porque não podemos estudar o futuro, e, no entanto, precisamos de algo para colocar em oposição ao presente, para nos lembrar que os pressupostos básicos foram totalmente diferentes em diferentes períodos... Um homem que tenha vivido em muitos lugares provavelmente não será enganado pelos erros locais de sua vila natal: o erudito que viveu em muitas épocas e está, portanto, em certa medida, imune à grande cachoeira de disparates que jorra da prensa tipográfica e do microfone de sua própria época.

C. S. Lewis

O tempo da Reforma foi uma época de transição, vitalidade e mudança que nos deu a bússola, a prensa tipográfica, o telescópio, a pólvora, o primeiro mapa do Novo Mundo, o reavivamento das artes visuais e das letras (Miquelângelo e Shakespeare), a difusão da inflação, o surgimento do moderno Estado nacional, as guerras de religião – e uma palavra para descrever tudo isso, revolução, da famosa obra de Nicolau Copérnico, *De revolutionibus orbium coelestium* (1543). A Reforma protestante foi uma revolução no sentido científico original do termo: a volta de um corpo em órbita à sua posição original. Nunca foi desejo de Lutero começar uma nova igreja a partir do zero. Ele e os outros reformadores que seguiram suas pegadas queriam reformar a igreja única, santa, católica e apostólica, com base na Palavra de Deus, retornando à fé histórica da igreja primitiva como a encontravam, exposta nos puros ensinamentos da Escritura. Isso levou a uma reorganização fundamental na teologia cristã. A redescoberta de Lutero da justificação somente pela fé, a insistência de Zuínglio na clareza e na exatidão da Bíblia, a ênfase de Calvino na glória e na soberania de Deus e a busca anabatista por uma verdadeira igreja visível encontraram expressão em numerosas confissões, catecismos, comentários, liturgias, hinos, martirologias

e ordens cristãs. Como um grande terremoto que continua a gerar efeitos sísmicos secundários muito tempo depois que o primeiro abalo termina, a Reforma colocou em movimento uma revolução na vida religiosa, cujos efeitos ainda estão sendo sentidos quinhentos anos depois.

Os reformadores do século 16 compartilharam, com os antigos escritores cristãos e os escolásticos medievais que vieram antes deles, uma alta estima pela inspiração e pela autoridade da Bíblia. Já no Novo Testamento, os escritos da Bíblia hebraica, que os cristãos posteriormente conheceriam como Antigo Testamento, são considerados como divinamente inspirados, soprados por Deus (2Tm 3.16). Em mais de uma ocasião, Paulo identificou a Escritura com a própria fala de Deus (veja Gl 3.8; Rm 9.17; 10.11). É Deus quem fala na Escritura, e por isso ela tem uma validade incontestável para o povo de Deus. O que J. N. D. Kelly escreveu sobre a igreja primitiva é igualmente verdadeiro a respeito dos exegetas bíblicos na era medieval e na época da Reforma: “Não é preciso dizer que os pais consideravam toda a Bíblia como inspirada”.¹

Houve muitos debates sobre a Bíblia no século 16: ela devia ser traduzida? Se devia, por quem e para que línguas? Qual é a extensão do cânon? Como se pode verificar o verdadeiro sentido e a correta interpretação da Escritura? Como a Bíblia deve ser usada na pregação e na adoração da igreja? Qual é a autoridade relativa da Escritura e da tradição da igreja? Essas e outras questões sobre a Bíblia foram debatidas não somente entre católicos e protestantes, mas também entre eruditos e teólogos dentro dessas duas tradições. Essas disputas não devem ser minimizadas, pois algumas delas se mostraram capazes de dividir a igreja. No entanto, também é importante reconhecer que os debates exegéticos do século 16 foram realizados dentro de um reconhecimento comum de que a Escritura é dada por Deus. Referindo-se aos livros do Antigo e do Novo Testamento como “sagrados e canônicos”, o Concílio Vaticano Primeiro (1869-1870), talvez olhando mais para trás do que para frente, resumiu a posição católica a respeito da Bíblia em palavras que teriam sido calorosamente recebidas tanto pelos reformadores protestantes quanto pelos reformadores católicos do século 16:

¹ J.N.D. Kelly, *Early Christian doctrines* (San Francisco: Harper & Row, 1978), p. 61. Sobre o entendimento medieval a respeito da autoridade bíblica, G. R. Evans observou: “Era tido por certo, por todos os estudiosos da Escritura na Idade Média, que o texto da Bíblia era literal e diretamente inspirado. A imagem de um evangelista se sentando para escrever com o Espírito Santo na forma de uma pomba com o bico em sua orelha é um lugar-comum iconográfico”. “The Middle Ages to the Reformation”, em *The Oxford illustrated history of the Bible*, John Rogerson (org.) (Oxford: Oxford University Press, 2001), p. 188.

Esses livros são considerados pela igreja como sagrados e canônicos, não tendo sido compostos meramente por labor humano e posteriormente aprovados pela autoridade da igreja, nem meramente porque contêm revelação sem erro, mas porque, escritos sob a inspiração do Espírito Santo, têm Deus como seu autor.²

Era uma convicção central da Reforma que o estudo cuidadoso e a audição meditativa da Escritura, a que os monges chamavam de *lectio divina*, podiam produzir transformação de vida. Para os reformadores, a Bíblia era um inestimável tesouro escondido de sabedoria divina para ser ouvido, lido, marcado, aprendido e digerido interiormente, como diz a compilação do Livro Comum de Oração para o segundo domingo do Advento, para que “possamos acolher, e até mesmo sustentar, a bendita esperança de vida eterna, que nos deste em nosso Salvador, Jesus Cristo”. Em seu comentário sobre Hebreus 4.12, “a palavra de Deus é viva, e eficaz, e mais cortante do que qualquer espada de dois gumes”, Calvino afirmou: “Sempre que o Senhor nos aborda com sua Palavra, ele está lidando seriamente conosco para atingir todos os nossos sentidos interiores. Portanto, não há parte da nossa alma que não seja influenciada”.³ O estudo da Bíblia era considerado transformador no nível mais básico da pessoa humana, *coram deo*. Ele tinha o objetivo de conduzir a pessoa à comunhão com Deus.

Mas, para os reformadores, a Bíblia tinha consequências públicas e pessoais. A Bíblia não era meramente um texto a ser observado, analisado e interiorizado. Ela também era um evento, um “acontecimento”, um momento de importância fundamental. Em 1552, um ano depois de sua famosa confissão, “Esta é a minha posição; que Deus me ajude”, em Worms (18 de abril de 1521), Lutero descreveu, sem dúvida, num piscar de olhos, como a Reforma havia sido produzida somente pela Bíblia, enquanto ele estava cochilando ou bebendo com seus amigos.

Veja o meu exemplo. Eu me opus às indulgências e a todos os papistas, mas nunca pela força. Simplesmente ensinei, preguei, escrevi a Palavra de Deus. De outro modo, não fiz nada. E, então, enquanto dormia ou bebia cerveja em Wittenberg, com meus amigos Philipp e Amsdorf, a Palavra enfraqueceu tanto

² Alfred Duran, “Inspiration of the Bible,” em *Catholic encyclopedia* (Nova York: Robert Appleton Company, 1910), 8:45-46.

³ CNTC 12:50.

o papado que nunca um príncipe ou imperador conseguiu lhe causar tanto dano. Eu não fiz nada. A Palavra fez tudo.⁴

Os reformadores sabiam, é claro, que a expressão “Palavra de Deus” se referia, no seu sentido mais básico, a Jesus Cristo. Jesus Cristo é a Palavra substancial, o Logos eterno que se fez carne – *verbum incarnatum* – por nós e para nossa salvação. E Palavra de Deus era também a palavra falada, de modo que a pregação do evangelho é um evento sacramental, um meio de graça. Como Heinrich Bullinger diz corajosamente na Segunda Confissão Helvética (1566): “A pregação da Palavra de Deus é a Palavra de Deus”.⁵ No entanto, a Palavra de Deus era também um cânon de textos, uma coleção de livros (Bíblia), algo que podia ser escrito, copiado, traduzido, organizado, publicado, disseminado, comentado e ensinado. Na citação acima, quando Lutero diz que “escreveu a Palavra de Deus”, estava se referindo à sua recentemente terminada tradução do Novo Testamento do grego para o alemão. Logo, William Tyndale faria o mesmo para o inglês, e outros, para o francês, o holandês, o sueco, o espanhol, o italiano, o tcheco, o húngaro, até o árabe, de modo que a Palavra escrita de Deus ressoou em salas de leitura, salas de debates e púlpitos de todas as partes da Europa.

Imperialismos do presente

Estudei a Reforma pela primeira vez durante meus estudos universitários numa universidade estadual do Tennessee, onde me especializei em História e fiz muitas disciplinas em filosofia e religião. Tive professores maravilhosos que me ensinaram a pensar criticamente, avaliar cuidadosamente as fontes históricas, apreciar o longo movimento e a complexidade do que era chamado, naqueles dias, de civilização ocidental. Continuo sendo grato pelo que aprendi naquela instituição, mas o paradigma reinante era formado pelos pressupostos e ícones da modernidade cujas obras lemos – Kant, Schleiermacher, Hegel, Hume, Heidegger, Husserl, Tillich, Bultmann e (apenas alguns trechos) de Barth. Ainda tenho meu exemplar bem marcado, de capa azul, de *The making of the modern mind*, de John Herman Randall, um importante

⁴ WML 2:399-400; LW 51:77. Essa citação é do segundo sermão *Invocavit* de Lutero, pregado em 10 de março de 1522.

⁵ *Praedicatio verbi Dei est verbum Dei*. Veja A. C. Cochrane (org.), *Reformed Confessions of the sixteenth century* (Louisville, Ky.: Westminster John Knox, 2003), p. 220-304. Para o texto em latim, veja W. Herrenbrück, em *Bekennisschriften und Kirchenordnungen der nach Gottes Wort reformierten Kirche*, org. Wilhelm Niesel (Zollikon-Zurique: Evangelischer Verlag, 1938), 3:223.